Marinha Portuguesa

A **Marinha Portuguesa** (**MP**) — também conhecida de modo semi-oficial como **Armada Portuguesa** (**AP**) ou **Marinha de Guerra Portuguesa** — é o ramo das Forças Armadas Portuguesas que tem por missão cooperar, de forma integrada, na defesa militar de Portugal, através da realização de operações navais. A Marinha desempenha também missões no âmbito dos compromissos internacionais assumidos por Portugal, bem como missões de interesse público.

Ao longo dos séculos, a Marinha Portuguesa passou por várias transformações, adaptando-se às mudanças políticas e tecnológicas. No século XVIII, enfrentou desafios significativos devido às guerras europeias e à perda das colônias americanas. Tais fatos influenciaram profundas mudanças que ocorreram no órgão ao passar das décadas seguintes.

Durante o século XX, a Marinha de Guerra Portuguesa tomou parte em eventos como a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, bem como na Guerra Colonial Portuguesa. Estes conflitos moldaram o modo pelo qual a instituição agiria futuramente. A Marinha também desempenhou um papel importante nas transições políticas internas, incluindo a Revolução dos Cravos de 1974.

Atualmente, a Armada Portuguesa participa em missões de paz, operações humanitárias e de resgate, colaborando com organizações internacionais para combater ameaças como a pirataria e o tráfico de drogas. A 12 de Dezembro de 2017 a Marinha Portuguesa comemorou os seus 700 anos com uma cerimónia e desfile militar de 40 navios no Rio Tejo, à passagem pela cidade de Lisboa.[2][3][4]

Marinha Portuguesa
Armada Portuguesa

Logo Oficial da Marinha Portuguesa

Criação	Século XII
País	Portugal
Corporação	Forças Armadas de Portugal
Missão	Defesa Nacional
Subordinação	Ministério da Defesa Nacional
Quartel General	Base Naval do Alfeite, Lisboa
Patrono	Nossa Senhora dos Navegantes Infante D. Henrique
Marcha	Marcha de Guerra
Lema	*A Pátria honrae que a Pátria vos contempla* e *Talant de Bien Faire* (vontade de bem fazer)[1]
Grito de Guerra	*São Jorge*
Aniversários	20 de Maio
Combates	1180 — Cabo Espichel 1381 — Saltes 1501–1502 — Cananor 1509 — Diu 1513 — Estreito de Malaca 1554 — Golfo de Omã 1594 — Ilha do Faial 1601 — Bantam 1625 — Ormuz 1638 — Barra de Goa 1640 — Paraíba 1647–1649 — Atlântico Sul 1717 — Batalha de Matapão 1736 — Campanha do Rio da Prata 1752 — Calicute 1798–1800 — Cerco de Malta 1809–1810 — Boca do Tigre 1918 — Atlântico Norte 1961 — Índia 1961–1975 — África
Página oficial	**Sítio oficial** (http://www.marinha.pt/pt-pt/Paginas/default.aspx) **Flickr** (http://www.flickr.com/photos/39092705@N04/) **Twitter** (https://twitter.com/MarinhaPT) **Youtube** (https://www.youtube.com/marinhaportuguesa)

Missão

A missão da Marinha Portuguesa é a promoção e proteção dos interesses de Portugal no e através do mar através do uso da Defesa, Segurança e Autoridade, e Desenvolvimento para permitir ao país o uso livre, justo e sustentável do mar.[5]

Segundo a Marinha, para o cumprimento dessa missão, faz-se necessário o uso de "processos-chave" como as operações militares, o combate à pirataria, missões para embargo e interdição marítima, incentivo a missões de estudo científico da zona marítima portuguesa, missões arqueológicas no oceano, dentre outras, sendo enfatizado pela organização a constante evolução de seus métodos e gestão.[5]

História

Criação

A Marinha Portuguesa tem uma história bastante antiga, que se liga à própria história de Portugal. Durante o cerco de Lisboa em 1147 o primeiro rei de Portugal já dispunha de algumas galés que utilizou em batalha. Em 1180, também durante o reinado de D. Afonso Henriques, ao largo do Cabo Espichel, uma esquadra de 10 galés muçulmanas desembarcaram em São Martinho do Porto tentando surpreender a guarnição portuguesa perto de Porto de Mós. Foram derrotados por D. Fuas Roupinho com elevado número de baixas e captura do Almirante inimigo. D. Fuas depois de avisar o rei que se encontrava em Coimbra, viajou até Lisboa para reunir nove galés. Aproveitando as baixas sofridas pelos opositores, capturaram de seguida, ao largo do Cabo Espichel, as embarcações da esquadra muçulmana em fuga.[6]

É o Rei D. Dinis quem decide, pela primeira vez, inaugurar uma organização permanente da Marinha Real sendo nomeado o primeiro Almirante do Reino, Nuno Fernandes Cogominho, que permaneceu neste cargo até sua morte em 1316, sendo sucedido pelo genovês Manuel Pessanha no ano seguinte, num acordo que tornou a Armada Portuguesa a mais antiga do mundo. Cinco anos depois, a Marinha portuguesa atacou com sucesso os portos muçulmanos do norte da África, marcando o início da participação ativa da mesma. Entre 1336 e 1341, realizam-se as primeiras tentativas de expansão marítima, com a expedição às Ilhas Canárias, com o patrocínio de D. Afonso IV. Em 1380 foi criada a Companhia das Naus que funcionava como uma companhia de seguros para os navios portugueses.[6][7]

No contexto da Crise dinástica de 1383-1385, a Marinha Portuguesa teve participação ativa na guerra contra Castela. Uma campanha naval portuguesa conduzida na Galiza levou à conquista das cidades costeiras de Baiona, La Coruña e Neda, bem como à destruição da base naval de Ferrol e de vários

navios que se encontravam a caminho para reforçar as forças castelhanas que se encontravam sitiando Lisboa. Em julho de 1384, a Marinha portuguesa conseguiu quebrar o cerco castelhano a Lisboa e abastecer a cidade, derrotando a Marinha castelhana na Batalha Naval do Tejo.[8]

Insígnias	
Jaque	
Distintivo do Chefe do Estado Maior da Armada	
Flâmula	
Comando	
Almirante	Jorge Nobre de Sousa
Vice-Almirante	Aníbal Soares Ribeiro

Séculos XV e XVI

No final do século XIV, dá-se início à expansão ultramarina portuguesa que se irá manter até século XVI.[9] A Marinha toma aí o papel principal, primeiro explorando os oceanos e depois combatendo as potências que se opunham ao domínio português. A partir daí, a Marinha Portuguesa passa a actuar muito mais ativamente.[6]

Até 1415, a Armada Portuguesa caiu em certo desuso, porém, a conquista de Ceuta naquele ano marcou o ressurgimento da Marinha. Esta é considerada a primeira grande operação de grande porte da Armada no século XV. Ela reuniu 250 navios e mais de 50 000 homens. A realização desta operação exigiu uma reforma completa nos estaleiros de Lisboa, São Marinho do Porto, Porto e Lagos. Esta força saiu de Lisboa a 25 de julho de 1415 e foi dividida em duas capitanias: navios de guerra, comandados por D. João I, e navios de transporte, comandados pelo infante D. Pedro. A força desembarcou em Ceuta a 21 de agosto e, após a conquista desta cidade, regressou a Lisboa em 2 de setembro.[6][9]

A embarcação utilizada no início dos Descobrimentos era a caravela, variando entre cinquenta e 160 toneladas. Os primeiros resultados surgiram cedo e Gonçalves Zarco descobriu a Ilha do Porto Santo em 1419 e a Ilha da Madeira em 1420, Diogo de Silves descobriu a ilha açoriana de Santa Maria em 1427. A partir de 1440, a caravela se torna o meio de transporte marítimo oficial dos descobrimentos portugueses.[6] Em 1424, Gil Eanes atravessou o Cabo Bojador. Diogo Cão chegou à foz do rio Zaire em 1482. No mesmo ano, o castelo de São Jorge da Mina é construído na costa da África Ocidental, por Diogo de Azambuja, tornando-se uma das mais importantes bases navais portuguesas.[6][10] Em 1488, Bartolomeu Dias tornou-se o primeiro europeu a navegar pelo extremo sul da África, contornando o Cabo da Boa Esperança.[6]

Réplica de caravela portuguesa do século XVI

Há relatos de que João Vaz Corte-Real tenha chegado à Terra Nova em 1473, mas o crédito pela da descoberta e mapeamento desta terra e de parte do litoral canadense foi dado aos irmãos Corte-Real, seus filhos, numa tentativa fracassada de encontrar a Passagem Noroeste, para o Oceano Índico, em 1501.[11][12] Em 1499, João Fernandes Lavrador e Pêro de Barcelos chegam ao Labrador (que leva o nome do anterior) e mapeiam a sua costa.[13] A maior conquista destas viagens de exploração foi alcançada por Vasco da Gama, que em 1498 se tornou o descobridor da rota marítima para a Índia.[14] Essa descoberta propiciou que, ao liderar uma segunda Armada portuguesa de treze navios para a Índia, Pedro Álvares Cabral descobrisse e explorasse o Brasil, reivindicando-o para Portugal.[15] No mesmo ano, Diogo Dias, como um dos Capitães da frota da Índia de Pedro Álvares Cabral, se separa da frota principal por uma tempestade ao cruzar o Cabo da Boa Esperança, tornando-se o primeiro europeu a chegar a Madagáscar.[16]

Com o início da exploração do Oceano Índico, os portugueses começam a substituir as caravelas pelas grandes naus. Em 1509, Francisco de Almeida obtém uma grande vitória contra os muçulmanos na Batalha naval de Diu, firmando o domínio português na Índia.[17] No ano seguinte Afonso de Albuquerque conquistou Goa, na Índia e, em 1511, Malaca, na Malásia.[18] Em 1515 os portugueses passam a controlar o Estreito de Ormuz, no Golfo Pérsico.[19] Já no Extremo Oriente, os navegadores portugueses continuaram o seu progresso explorando o sudeste da Ásia, tendo chegando à China dois anos antes.[20] No mesmo período chegaram à Ilha de Taiwan (batizando-a de Formosa) e foram os primeiros europeus a chegar ao Japão, em 1543.[21][22]

As conquistas portuguesas no oriente continuaram nas décadas seguintes, com os combates navais permanecendo como decisivos para as mesmas. Para auxiliar as forças cristãs na conquista de Tunes em 1535, D. João III enviou o galeão português *Botafogo*, o navio de guerra mais poderoso do mundo à época, armado com 366 canhões e sob o comando do irmão do rei, o Infante D. Luís, duque de Beja.[23] Já em 1542 os portugueses realizaram explorações no Mar Vermelho que tiveram de ser interrompidas após a descoberta de navios turcos no local.[6]

Nau portuguesa no Japão, final do século XVI

No Ocidente, os portugueses teriam visitado a Austrália em 1520, mas isto não é reconhecido oficialmente no meio académico e científico.[24] Nesse mesmo ano, Fernão de Magalhães iniciou sua circum-navegação. Em 1567, uma esquadra naval portuguesa, sob o comando de Mem de Sá, tomou o Forte Coligny e expulsou os franceses da Baía de Guanabara.[6][25][26]

Dinastia de Habsburgo

O galeão português *São Martinho*, nau capitânia da Invencível Armada Espanhola, na Batalha de Gravelines

Durante a União Ibérica, Portugal continuou a ser formalmente um reino independente com sua própria Marinha, mas sua política externa e naval tornou-se cada vez mais subordinada e orientada pelos interesses espanhóis. Em 1588 a esquadra portuguesa é utilizada por Filipe I de Portugal (Filipe II de Espanha) para combater os inimigos do rei. Por causa disso os mais poderosos navios portugueses foram incorporados à Invencível Armada, e Lisboa foi o porto escolhido para organizar a invasão da Inglaterra. Mas as tempestades e os ataques ingleses acabaram causando a destruição da Armada. Portugal forneceu a mais poderosa esquadra de navios dessa Armada, incluindo sua nau capitânia, o galeão *São Martinho* (chamado de *San Martin* pelos espanhóis). A participação portuguesa incluiu um total de dezasseis embarcações e mais de 5 800 homens. Esta expedição culminou na batalha naval de Gravelines.[6][27]

A partir de 1595 a Marinha Portuguesa também esteve envolvida na Guerra Luso-Holandesa, que resultou em vários confrontos navais entre holandeses e portugueses na América, África e na Ásia. Assim, ligado à Espanha por uma monarquia dual, Portugal viu seu grande império ser atacado por ingleses, franceses e holandeses, todos inimigos da Espanha. A reduzida população portuguesa (cerca de um milhão) não foi suficiente para resistir a tantos inimigos, e o Império começou a desmoronar.[28]

Ainda assim, no ano 1618, é fundado o primeiro regimento de infantaria naval português (*Terço da Armada da Coroa de Portugal*), origem do moderno corpo de fuzileiros navais de Portugal e do Brasil.[29] Em 1625 depois de uma batalha de 14 dias contra ingleses e holandeses no Golfo Pérsico, a Marinha Portuguesa, comandada por Rui Freire de Andrade, recupera o controle estratégico do Estreito de Ormuz.[6] Paralelo a isso, uma grande expedição militar e naval luso-espanhola foi organizada em abril do mesmo para retomar a cidade de Salvador, no Brasil, aos holandeses, que haviam conquistado a cidade um ano antes. Sendo a frota portuguesa comandada por Manuel de Menezes e composta por 22 navios e cerca de 4 000 homens, incluindo o *Terço da Armada da Coroa de Portugal*.[30]

Em 1640 Portugal reconquista sua independência e iniciasse a Guerra da Restauração Portuguesa contra as forças espanholas. Embora a ameaça da poderosa Marinha espanhola existisse, nenhum grande confronto naval veio a ocorrer e a guerra acabou sendo travada principalmente em terra.[31] Paralelamente, Portugal fez acordos de paz com Inglaterra, França e Holanda.[32] Após a Restauração da Independência em 1640, uma frota de 15 navios leva a cabo a reconquista de Luanda aos Neerlandeses em 1648.[6]

Século XVIII

No século XVIII, a Marinha Portuguesa cresce novamente. Em 1705, uma esquadra de oito navios de linha foi enviada para ajudar a Inglaterra contra as forças franco-espanholas que sitiavam Gibraltar, durante a Guerra da Sucessão Espanhola, expedição esta que culminou na Batalha Naval de Marbella na qual a aliança anglo-luso-neerlandesa venceu, reforçando a aliança entre Portugal e Inglaterra, que havia sido limitada durante a União Ibérica.[33]

Navios portugueses na Batalha de Matapão, 1717

A pedido da República de Veneza e do Papa, o rei de Portugal D. João V envia uma frota para deter o avanço otomano no Mediterrâneo. Esta expedição culminaria na Batalha de Matapão, em 19 de julho de 1717, na qual a frota portuguesa, apoiada por navios venezianos e malteses, sob o comando dos portugueses Conde do Rio Grande e Conde de São Vicente, derrota a Marinha Otomana em seu derradeiro esforço de expansão ocidental. Nesse período, grandes navios são construídos para a Armada Portuguesa, nos estaleiros da Ribeira das Naus, em Lisboa, e em Salvador, no Brasil.[6][34][35]

Durante este mesmo século, Portugal passa a travar intensos embates contra as forças espanholas na América do Sul, com as fronteiras na região sendo constantemente redefinidas em razão das inúmeras batalhas. Esse conflito foi marcado pelo avanço luso-brasileiro em direção ao Rio da Prata, enquanto os espanhóis tentavam repetidamente deter este avanço. Os luso-brasileiros alcançam seu objetivo, conquistando a região do atual Rio Grande do Sul. Entretanto, Portugal estava ciente da necessidade de estabelecer uma força regional definitiva para garantir o domínio local. Assim surge a Esquadra do Sul e o Exército do Sul. Entretanto, em 1735, a Espanha reinicia o conflito no que ficou conhecido como a Campanha do Rio da Prata, levando D. João V a enviar a maior força de seu reinado e uma das maiores do período histórico para enfrentar a ofensiva espanhola. Portugal neutraliza as forças espanholas e aceita o acordo inglês para o fim do conflito.[33]

No período de 1756 a 1777, as forças navais portuguesas participaram da Guerra dos Sete Anos e da Guerra Hispano-Portuguesa de 1776-1777, contra os espanhóis na América do Sul, mas com sucesso limitado. Nesse período, sob a liderança de D. Martinho de Melo e Castro, secretário de Estado da Marinha, a Marinha portuguesa sofre uma grande reforma e modernização. A partir dessa reforma, a Armada mais uma vez passará por um franco crescimento e ressurgimento, marcado pela construção de um novo Arsenal da Marinha e pela participação em conjunto com a Inglaterra em diversas operações nas décadas seguintes.[33][36]

Desde muitas décadas a Marinha Portuguesa notou uma crescente necessidade de maior especialização do seu oficialato em determinadas áreas do saber náutico. Para resolver esta questão, em 1792, foi criada a Real Academia dos Aspirantes (*Academia Real dos Guardas-Marinhas*), como uma academia naval de nível universitário. Esta Academia daria origem às atuais Escolas Navais de Portugal e do Brasil.[37][38]

Lançamento da Nau *Nossa Senhora da Lampadosa*, na Ribeira das Naus, em 1727

Após a execução de Luís XVI da França pelos revolucionários franceses, Portugal entra na Guerra da primeira coligação, contra a França revolucionária, como consequência direta de tratados previamente firmados. Em 1793, a Marinha Portuguesa foi incumbida de transportar o Exército Expedicionário Português enviado para ajudar a Espanha na Campanha do Rossilhão contra a França. Isso foi feito pelo Esquadrão de Transporte organizado com quatro navios de linha, uma fragata, quatro navios de transporte e 10 navios mercantes.[33]

Para ajudar o Reino Unido a se defender de uma possível invasão francesa, a Marinha portuguesa organizou e enviou o Esquadrão do Canal, com cinco navios de linha, duas fragatas, dois bergantins e um navio-hospital. De julho de 1794 a março de 1796, sob o comando de António Januário do Valle, a Esquadra do Canal da Mancha patrulhava o Canal da Mancha em cooperação com a Marinha Real Britânica.[33]

Em 1798 uma esquadra portuguesa, comandada pelo Marquês de Nisa, participa do cerco de Malta com a marinha britânica.[39] A Marinha portuguesa terminou o século XVIII com uma frota que incluía 13 navios de linha, 16 fragatas, 3 corvetas, 17 brigue e oito navios de apoio. Além disso, as forças navais portuguesas incluíam também a Armada da Índia, baseada no Oceano Índico, com um navio de linha e seis fragatas.[40][41]

Século XIX

Em novembro de 1807, em meio à invasão francesa de Portugal, a Marinha Portuguesa é incumbida de fazer o transporte da família real para o Brasil. Nessa missão de transporte a esquadra portuguesa era liderada pela *Nau Príncipe Real*, de 90 canhões, a qual levava a bordo o Príncipe Regente D. João.[42] Ao todo foram transportadas, para o Brasil, 15 000 pessoas.[43]

Em retaliação à invasão francesa de Portugal, as forças portuguesas no Brasil conquistaram a Guiana Francesa em janeiro de 1809.[44] A invasão anfíbia é feita por uma flotilha naval portuguesa apoiada por uma fragata britânica, uma força de fuzileiros navais da Brigada Real da Marinha associada a brasileiros regulares.[45] A Marinha Portuguesa também se engajou em operações nas águas do Sudeste Asiático. Entre novembro de 1809 e fevereiro de 1810, as forças navais portuguesas baseadas em Macau realizam uma campanha contra os piratas chineses, derrotando-os em uma série de ações navais em Boca do Tigre.[46]

Em 1822 o Príncipe D. Pedro declara a Independência do Brasil e a nova Marinha do Brasil é constituída, em sua maioria, pelos navios portugueses que então se encontravam no Brasil junto com suas respectivas tripulações. Na breve Guerra da Independência do Brasil, ocorrem pequenos embates navais, entre a Marinha do Brasil e as forças navais portuguesas no Brasil que se mantiveram leais ao Governo de Lisboa.[47]

A nau *Príncipe Real*, no Rio de Janeiro, em 1808

Com a morte do rei D. João VI, Portugal entra em um período de instabilidade que culminaria, anos mais tarde, na Guerra Civil Portuguesa na qual o Príncipe D. Pedro lutou contra seu Irmão D. Miguel que usurpou o trono de D. Maria II (filha de Pedro). Pedro reuniu, então, uma frota de cerca de 60 navios, sob o comando de George Rose Sartorius, que em 8 de Julho de 1832, desembarcou uma força de 7 500 homens perto do Mindelo, de onde avançam para a vizinha Cidade do Porto, conquistando-a no dia seguinte. O exército liberal fica, então, sitiado no Porto pelo exército miguelista que se concentra nos arredores da cidade. Ocorre então um impasse durante um ano inteiro, sem que nem as forças miguelistas conseguissem tomar a cidade nem os liberais conseguissem romper o cerco. Para quebrar o impasse, os liberais decidem então abrir outra frente na retaguarda das forças inimigas. Uma frota naval parte do Porto a 20 de junho de 1833, com metade do exército liberal a bordo, e desembarca no Algarve. Na viagem de regresso, a frota liberal, sob o comando de Charles Napier, encontra e derrota a frota miguelista comandada por Manuel António Marreiros, na Batalha do Cabo de São Vicente, em 5 de julho de 1833. A Guerra Civil terminou finalmente a 24 de maio de 1834, quando D. Miguel I assinou a Concessão de Evoramonte, renunciando à todas as suas reivindicações ao trono português.[48]

Batalha do Cabo de São Vicente, de 1833, entre a Marinha Miguelista e a Liberal

Século XX

A partir de meados do século XIX, início do século XX, a Marinha Portuguesa torna-se essencialmente uma Marinha Colonial, sendo a sua principal função o apoio às guerras de pacificação e ocupação dos territórios coloniais africanos. Esta fase teve como marco inicial a Conferência de Berlim. A partir daí, a Marinha Portuguesa atuou em diversas frentes, tendo em vista a afirmação da soberania da metrópole sobre a colónia. Para tanto, diversos levantamentos hidrográficos e cartográficos foram realizados, principalmente em Moçambique, Angola e Guiné.[49]

Couraçado *Vasco da Gama*, um dos principais navios da Marinha Portuguesa no início do século XX

No ano de 1907, foi preconizada a reorganização da Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar, estabelecendo-se uma equivalência hierárquica entre o comando militar da Armada e Administração Superior dos Serviços da Marinha (Direção-Geral da Marinha), a par da Administração dos Serviços Fabris. O propósito desta mudança foi proporcionar maior autonomia às divisões da Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar, para que o ministro se pudesse concentrar na administração e governação, com independência e ação efetiva, garantindo maior eficiência organizacional.[49]

Já em 1910, ocorre a Implantação da República Portuguesa. Neste momento, o país enfrentava sérias dificuldades em manter seu domínio sobre suas colónias africanas, agora agravadas por uma crescente instabilidade política. Tal fato é exemplificado quando, de 1910 a 1920, o Ministério da Marinha teve 26 titulares. Logo no ano seguinte à implantação da República, foi criada a Marinha Colonial na dependência do Ministério das Colónias, que resultou do desdobramento em dois do Ministério da Marinha e Colónias, mas com recurso aos meios e pessoal da Marinha de Guerra.[49]

Primeira Guerra Mundial

Após o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, em 1914, sucedido pela Crise de Julho, inicia-se a Primeira Guerra Mundial. Neste contexto, os principais objetivos de Portugal consistiam em consolidar o sistema republicano e a integridade territorial, com as colónias inclusas. Para tanto, a proteção nas fronteiras que Angola e Moçambique tinham com colónias alemãs foram reforçadas.[49]

Em 24 de agosto de 1914, ocorre um ataque alemão ao posto de Maziúa no rio Rovuma, no norte de Moçambique, matando um sargento enfermeiro da Marinha e seis soldados, as primeiras baixas portuguesas na guerra, apesar de sua neutralidade. Logo em outubro, um incidente na fronteira sul de Angola mata três soldados alemães. Os embates aumentaram e logo foi decidido que um reforço militar nas áreas disputadas era necessário. Com este objetivo, o contingente nacional do Exército enviado para Angola foi reforçado com um Batalhão de Marinha, com 512 praças, 33 sargentos e 18 oficiais. Este Batalhão chegou em finais de 1914, progredindo para leste até Tchicusse.[49]

A partir do momento que o domínio alemão na região se rendeu, o objetivo tornou-se controlar os indígenas revoltosos. Para alcançar este objetivo, as forças precisavam chegar ao extremo sul de Angola, em N'Giva, ganhando controlo sobre todo o espaço geográfico adjacente. Assim, a coluna militar ocupou uma posição de força em Humbe, a junho de 1915. Em 20 de agosto, ocorreram combates em Môngua, onde o efetivo português de 3 mil soldados, incluindo membros da Armada, defrontaram entre 50.000 e 60.000 nativos cuanhamas, cuamatos, evales, cuambis e foragidos do humbe. Após vencerem este embate, as forças portuguesas garantiram seu domínio sobre N'Giva, oficializado em setembro do mesmo ano. O Batalhão de Marinha regressou a Portugal em outubro, com 15 baixas, sendo duas em combate, doze por doenças e uma por motivo fortuito. Ainda nesse ano, foi definida uma nova constituição do Conselho Superior da Armada, marcada pela presença, enquanto vogal, do Major General do Exército. Sempre que os assuntos a tratar fossem do âmbito geográfico das colónias, seriam igualmente vogais o Director-geral das Colónias e o chefe da 6ª Repartição da mesma Direcção-geral. Também foi decretado que, em circunstâncias extraordinárias, todos os serviços de Marinha poderiam ficar subordinados à Majoria General da Armada, a fim de garantir rápida mobilização em caso de envolvimento do país durante a Guerra.[49]

Nesse cenário, Portugal optou por não tomar parte nas ações iniciais da Primeira Guerra Mundial, principalmente por razões de âmbito político e militar. Politicamente, o modelo republicano nacional ainda não gozava de reconhecimento pelas inúmeras monarquias europeias. Um pedido internacional para integrar um bloco de aliados implicaria esse reconhecimento, o que representaria uma espécie de traição ao monarca português por seus familiares. Em termos militares, o valor das Forças portuguesas era baixíssimo. O Exército precisaria de tempo para se mobilizar, enquanto que a Armada não possuía meios navais adequados para uma campanha dessa magnitude. Tal situação levaria a Força a se valer de estratégias para contornar essa situação nos anos subsequentes.[49]

No ano de 1916, a Armada requisitou, junto aos ingleses e baseado no Tratado de Windsor, 70 navios alemães, 1 austríaco e 1 austro-húngaro que se encontravam nos portos nacionais. Para tanto, foi argumentada a escassez de meios navais mercantes para o devido abastecimento do país. A Alemanha julgou esta requisição como desproporcional, declarando guerra a Portugal em 9 de março de 1916. Durante o processo de requisição dos navios, os alemães buscaram

inutilizar e danificar aos máximo estes. No final, boa parte desses navios sofreu avarias consideráveis. Do restante, outra boa parte foi entregue à Inglaterra em prol do esforço de guerra. A maioria se perdeu em ação, com os sobreviventes retornando para servirem nos Transportes Marítimos do Estado.[49]

Após a declaração de guerra, foi considerado indispensável que houvesse unidade de comando em todos os serviços que dissessem respeito à defesa militar naval dos portos, no que foi efetivamente decretada a subordinação de todos os serviços a cargo da Direcção-Geral da Marinha e da Administração dos Serviços Fabris à Majoria General da Armada. A fim de fazer valer o esforço de guerra, foram mobilizadas embarcações civis para cabotagem, pesca, tráfego local ou de recreio, pois eram consideradas necessárias para a defesa nacional, ficando as capitanias dos portos responsáveis por efetivar a sua transferência. 27 navios e embarcações foram requisitados. Atendendo ao reduzido número de navios militares da altura, foi necessário improvisar algumas soluções para a defesa marítima nacional. Para isso, diversos arrastões de pesca foram convertidos em navios caça-minas, com vistas da defesa das rotas de acesso aos portos, e em escoltas para proteção da navegação comercial.[49]

No campo da defesa marítima dos portos foi criada uma força de pessoal auxiliar, com estatuto militarizado, constituída pelos tripulantes de todos os navios da marinha mercante, incluindo os pilotos das barra e os sócios dos clubes náuticos, que tivessem pelo menos a carta de timoneiro. Mesmo com todas essas estratégias, além da convocação de reservistas e marítimos, não se observaram significativas nos números das fileiras da Armada Portuguesa nem com o início da Guerra, ou com a entrada de Portugal nela. Nesse período, a defesa ativa dos portos foi uma das principais atividades da Marinha. Neste processo destacou-se o Comandante Leote do Rego, responsável pela Divisão Naval de Defesa e Instrução, que liderou o processo de implementação da defesa marítima nacional.[49]

Segunda Guerra Mundial

Durante a 2ª Guerra Mundial a Marinha Portuguesa tem como função principal a garantia da neutralidade portuguesa. Nessa função destaca-se a protecção do estratégico arquipélago dos Açores. No final dessa guerra a Marinha participa na libertação de Timor da ocupação japonesa.[50]

Guerra Fria

NRP *Magalhães Corrêa*, fragata anti-submarina da Marinha Portuguesa da década de 1970

Durante a Guerra Fria, a participação da Marinha em missões internacionais decorreu no quadro da NATO, através da integração de navios na Força Naval Permanente para o Atlântico – *Standing Naval Force Atlantic* (STANAVFORLANT). No ano de 1967, a NATO tinha efetuado uma revisão profunda do seu conceito estratégico, substituindo a doutrina da *retaliação maciça* pela doutrina da *resposta flexível*, prevendo respostas graduadas, envolvendo inicialmente apenas armas convencionais e só numa fase posterior armas nucleares. Esse conceito estratégico que originou a ideia da criação da STANAVFORLANT, efetuada em 14 de dezembro de 1967, e da *Naval On Call Force in the Mediterranean* (NAVOCFORMED), em 28 de maio de 1969. A STANAVFORLANT era uma Força Naval Permanente, com a participação da quase totalidade dos Aliados com costa atlântica, cinco dos quais em caráter permanente e os restantes (como Portugal) por períodos que oscilavam, geralmente, entre quatro a seis meses por ano. A NAVOCFORMED era uma força naval não permanente, constituída, essencialmente, pelos Aliados presentes na bacia do Mediterrâneo.[51]

A STANAVFORLANT foi ativada, pela primeira vez, em 13 de janeiro de 1968,[52] com a Marinha iniciando no ano seguinte uma participação regular, com a integração da fragata *Almirante Pereira da Silva*, em 12 de maio de 1969. A partir daí, a Armada passou a participar nesta Força Naval por períodos de cerca de quatro meses por ano – inicialmente com as fragatas da classe *Almirante Pereira da Silva* e, a partir de 1983, com as fragatas da classe *Comandante João Belo*.[51]

Neste momento, o efetivo naval português integrado na STANAVFORLANT exercitava conceitos essencialmente defensivos, tendo em vista a proteção dos corredores de navegação transatlânticos, principalmente a defesa de comboios de navios transportando reforços militares para a Europa (com foco nas táticas de luta anti-submarina e anti-aérea). Contudo, planos de operações contemplando uma eventual confrontação direta no mar não eram desconsiderados. Todavia, com a queda do muro de Berlim, em novembro de 1989, e a posterior dissolução do Pacto de Varsóvia, em março de 1991, a NATO alterou a sua estratégia, passando de um conceito restrito de defesa (associado à *resposta flexível*) para um conceito mais ampliado de segurança, visando a prevenção de conflitos e a atuação fora de área tradicional de atuação, o Atlântico e o Mediterrâneo, numa conceção de fronteira de segurança mais alargada do que a fronteira literal.[51]

Guerra do Ultramar

Paralelo à sua participação na NATO, a partir de 1961 a Marinha volta a dar novamente grande atenção a África, sendo parte activa na Guerra do Ultramar. Nesse período dá-se uma enorme expansão do número de corvetas, navios de patrulha e lanchas de desembarque destinados a apoiar as operações anfíbias. Nesta guerra destaca-se também a actuação dos destacamentos de fuzileiros especiais em operações de contra-guerrilha e operações de assalto anfíbio, bem como de companhias de fuzileiros navais para protecção de comboios fluviais e na defesa de instalações marítimas.[30]

Com o fim da Guerra do Ultramar em 1975, a Marinha Portuguesa torna-se, pela primeira vez em quase 500 anos, uma marinha estritamente europeia, voltando a ter como atenção principal a ameaça naval soviética.[50]

Pós-Guerra Fria

Com a queda da União Soviética e o fim da Guerra Fria, a NATO, e consequentemente o efetivo português lá presente, passaram por uma reformulação de propósitos. Esta mudança fica marcada pela Operação Southern Guard, ocasionada pela Guerra do Golfo, na qual ocorre a primeira participação portuguesa numa missão da NATO, representada pela fragata *Comandante Sacadura Cabral*. Nesse mesmo ano, o efetivo da Armada foi aumentado pelo comissionamento das fragatas da Classe *Vasco da Gama*, possibilitadas por meio de parcerias com membros NATO, além de participações mais duradouras na STANAVFORLANT.[51]

Nos anos seguintes, a NATO empenhou-se em inúmeras operações de paz, o que também ocorreu com a União Europeia durante a Operação Concordia, na antiga República Jugoslava da Macedónia. A primeira missão naval sob a Política Europeia de Segurança e Defesa foi a Operação Atalanta, lançada formalmente em dezembro de 2008.[53] Já com a ONU, o perfil de atividade da Armada também datava desde a Guerra Fria, crescendo ao final desta.[51]

Depois disso, a Marinha participou em missões de vigilância e de patrulhamento na antiga Jugoslávia, como parte das operações Sharp Vigilance, Maritme Monitor, Sharp Fence e Sharp Guard de julho de 1992 a abril de 1996, realizadas pela União da Europa Ocidental (UEO) e pela NATO. Foram empenhadas nestes esforços a corveta *Baptista de Andrade*, as fragatas *Comandante Roberto Ivens*, *Comandante Sacadura Cabral*, *Vasco da Gama* e *Álvares Cabral*, o submarino *Delfim* e o navio reabastecedor *Bérrio*. Além disto, a Portugal foi confiada a gestão da Operação Sharp Guard, entre 1995 e 1996, enquanto comandava a STANAVFORLANT. A crise nesta região e as subsequentes tentativas para a resolução deste conflito interno durante toda a década de 1990 levaram a Marinha a participar, da mesma forma, com o reabastecedor *Bérrio*, entre dezembro de 1995 e maio de 1996, numa operação de apoio logístico ao contingente militar português na Bósnia-Herzegovina, e com a fragata *Corte-Real*, também efetivo da STANAVFORLANT, em 1999, na operação Allied Force.[51]

Estrutura

A Marinha compreende:[54]

Chefe do Estado-Maior da Armada (CEMA);
Estado-Maior da Armada (EMA);
Órgãos centrais de administração e direcção (OCAD);
Órgãos de conselho;
Órgãos de implantação territorial;
Elementos da componente operacional do sistema de forças;
Órgãos do Sistema de Autoridade Marítima (SAM).

Chefe do Estado-Maior da Armada

O CEMA é o comandante da Marinha, sendo o principal colaborador do Ministro da Defesa Nacional e do Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas em todos os assuntos respeitantes à Marinha. O Almirante CEMA é nomeado pelo Presidente da República, sob proposta do governo.[54][55]

Estado-Maior da Armada

O Estado-Maior da Armada é um órgão de apoio do CEMA para o estudo, concepção, planeamento e inspecção das actividades da Marinha. O EMA é chefiado por um Vice-Almirante denominado Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada, coadjuvado por um Contra-Almirante denominado Sub-Chefe do Estado-Maior da Armada.[56]

Órgãos centrais de administração e direcção

Os órgãos centrais de administração e direcção (OCAD's) da Marinha são os seguintes:[56]

Superintendência do Pessoal (SP) da qual dependem:

- Direcção de Pessoal (DP);
- Direcção de Formação (DF);
- Direcção de Saúde (DS);
- Direcção de Apoio Social (DAS);
- Chefia do Serviço de Justiça (CSJ);
- Chefia do Serviço de Assistência Religiosa (CSAR).

Superintendência do Material (SM) da qual dependem:

- Direcção de Navios (DN);
- Direcção de Abastecimento (DA);
- Direcção de Infraestruturas (DI);
- Direcção de Transportes (DT);
- Arsenal do Alfeite (AA);
- Direcção de Tecnologias de Informação e Comunicação (DITIC).

Superintendência das Finanças (SF) da qual dependem:

- Direcção de Administração Financeira (DAF);
- Direcção de Auditoria e Controlo Financeiro (DACF);
- Direção de Contabilidade e Operações Financeiras (DCOF).

Instituto Hidrográfico (IH);
Direcção de Análise e Gestão da Informação (DAGI).

Fragata NRP *Álvares Cabral*

Centro de controlo de máquinas de uma fragata da classe *Vasco da Gama*

Corveta NRP *Baptista de Andrade*

Órgãos de conselho

Os órgãos de conselho destinam-se a apoiar as decisões do CEMA em assuntos especializados e são os seguintes:[56]

Conselho do Almirantado (CA);
Conselho Superior de Disciplina da Armada (CSD);
Junta de Revisão da Armada (JRA);
Comissão Cultural da Marinha (CCM).

Comando Naval

O Comando Naval constitui o comando de componente naval das Forças Armadas Portuguesas e é chefiado por um vice-almirante designado "comandante naval". O comandante naval é responsável pelo planeamento, coordenação, condução e controlo da atividade operacional da Marinha, encontrando-se diretamente subordinado ao almirante Chefe do Estado-Maior da Armada.[56]

Do Comando Naval dependem:[56]

- Esquadrilha de Navios de Superfície;
- Esquadrilha de Subsuperficie;
- Esquadrilha de Helicópteros.

Comando do Corpo de Fuzileiros, do qual dependem:

- Base de Fuzileiros;
- Escola de Fuzileiros.

Comandos de zona marítima, subordinados ao Comando Naval:

- Comando de Zona Marítima do Norte;
- Comando de Zona Marítima do Centro;
- Comando de Zona Marítima do Sul;
- Comando de Zona Marítima dos Açores;
- Comando de Zona Marítima da Madeira.

Forças e Unidades Navais:

- Forças navais;
- Forças de fuzileiros.

Unidades Operacionais:

- Unidades navais operacionais;
- Unidades operacionais de fuzileiros.

Base Naval de Lisboa;
Centro Integrado de Treino e Avaliação Naval (CITAN).

Westland Lynx da Esquadrilha de Helicópteros da Marinha, pousando numa fragata

Foi feito Membro-Honorário da Ordem do Infante D. Henrique a 20 de Junho de 2005.[57]

Órgãos de Implantação Territorial

Os órgãos de implantação territorial visam o apoio geral da Marinha e são os seguintes:[58]

Escola Naval;
Órgãos de natureza cultural:

- Museu de Marinha;
- Planetário Calouste Gulbenkian;
- Aquário Vasco da Gama;
- Academia de Marinha;
- Biblioteca Central da Marinha.

Escola de Tecnologias Navais (ETNA) (ex-Grupos Nº1 e Nº2 de Escolas da Armada);
Centro de Comunicações e Cifra da Armada.

Unidades de Apoio:

- Unidade de Apoio às Instalações Centrais de Marinha;
- Unidade de Apoio ao Pessoal Militar do Arsenal do Alfeite.

Órgãos de execução de serviços, incluindo:

- Instalações Centrais de Marinha;
- Instalações Navais de Alcântara.

Elementos da Componente Operacional do Sistema de Forças

Os elementos da componente operacional do sistema de forças são:[56]

Comando Naval;
Comandos de zona marítima:

- Comando de Zona Marítima do Norte;
- Comando de Zona Marítima do Centro;
- Comando de Zona Marítima do Sul;
- Comando de Zona Marítima dos Açores;
- Comando de Zona Marítima da Madeira.

Forças:

- Forças navais;
- Forças de fuzileiros.

Unidades Operacionais:

- Unidades navais;
- Unidades de fuzileiros;
- Unidades de mergulhadores.

Órgãos do Sistema de Autoridade Marítima

São órgãos do SAM:[56]

Direcção-Geral de Autoridade Marítima;
Polícia Marítima.

A Armada presente e futura

As unidades navais armadas da Marinha Portuguesa recebem o prefixo "N.R.P." antes do respectivo nome, significando "Navio da República Portuguesa". As unidades não armadas recebem o prefixo "U.A.M." significando "Unidade Auxiliar da Marinha".[59]

A Marinha Portuguesa encontra-se numa fase de modernização e reequipamento desde 2018. Os submarinos da Classe *Tridente* realizaram a sua primeira grande revisão intermédia, onde foram desmontados e reparados os seus sistemas, assim como a revisão dos mastros, sistemas de armas e inspeções ao casco.[60] Também as Fragatas da Classe *Bartolomeu Dias*, concluíram a sua modernização nos Países Baixos, através do programa MLU realizado de 2018 a 2022, no valor total de € 105 Milhões, onde foram melhorados os sistemas de armas, sensores, comunicações, ciberdefesa, distribuição de energia e sistemas de propulsão.[61][62] Também os cinco helicópteros da Marinha Super Lynx Mk.95 estão num processo de modernização no Reino Unido, sendo que os primeiros quatro já foram recebidos, e passaram a designar-se Super Lynx Mk.95A, tendo recebido novos motores, guincho, glass cockpit, melhoramento de sistemas de ajuda e navegação, no valor total de € 69 Milhões, prevendo-se que todos os helicópteros sejam entregues até final de 2025.[63] O programa MLU das Fragatas Classe *Vasco da Gama* no valor total de € 120 Milhões foi aprovado, presumindo-se que aconteça no quadriénio (2023-2026).[64] A Marinha também tem recebido várias aeronaves não tripuladas de asa fixa e rotativa destinadas às Fragatas, Navios Patrulha e Lanchas ou submersíveis não tripulados (no caso dos mergulhadores).[65][66][67]

Em 2023, foi assinada a construção de mais seis navios da Classe *Viana do Castelo*, no valor total €300 Milhões, a serem recebidos de 2027 a 2031, os quais serão acrescidos de valor militar, diferenciando-se assim dos primeiros quatro navios da mesma classe. Estarão equipados com novos sensores, radares, sonares, capacidade de guerra de minas, vigilância submarina e projeção de forças, com capacidade para lançar raides anfíbios de Fuzileiros.[68][69]

Em 30 de Março de 2025, teve lugar nos estaleiros da West Sea, em Viana do Castelo, a cerimônia de corte da primeira chapa do primeiro NPO, da 3° serie.[70]

O navio reabastecedor NRP *Bérrio*, será substituído por dois novos navios equivalentes, também com capacidade de transporte de cargas e veículos táticos, a serem recebidos em Abril e Dezembro 2028, estando também prevista a construção de um Navio Polivalente Logístico (NPL) de transporte e desembarque de tropas e viaturas que deverá ser recebido até 2030.[71][72][73][74]

Em 30 de Janeiro de 2026, realizou se a cerimônia de assentamento da quilha do futuro NRP Luís de Camões (primeiro dos dois novos navios reabastecedores), em construção na Turquia, [75]

Em 18 de Junho de 2026, esteve lugar no estaleiro da STM na Turquia , a cerimônia de corte da primeira chapa do futuro NRP D.Dinis, com entrega prevista para Dezembro de 2028.[76]

Também está em fase final de instalação de equipamentos , o navio multifunções, chamado de NRP *D. João II*, vocacionado para a vigilância e investigação marítima, equipado com uma zona de aterragem para helicópteros e veículos aéreos não tripulados, rampas para embarque de viaturas, doca alagável para operar embarcações remotamente controladas e lanchas. Terá uma guarnição de 90 militares e capacidade para alojar mais 100 militares em caso de necessidade. O navio será financiado por verbas do Plano de Recuperação e Resiliência, estando alocada uma verba de € 132 milhões para a sua construção, a ser realizada de 2023 a 2026.[77][78][79][80][81] Em 7 de Abril de 2026, o futuro NRP D.Joao ll, que se encontra em construção, no Estaleiro da DAMEN, na Roménia,fez a sua primeira flutuação.[82]

Em 30 de Junho 2026 , a Marinha Portuguesa , recebeu o certificado de conclusão de fabrico , deste mesmo navio, prevê se a entrega definitiva em Abril de 2027.[83]

Em 2023, a Marinha aprovou uma verba para a realização de um projeto de engenharia, com vista à construção dos seus novos Navios de Patrulha Costeira (NPC), destinados a substituir os navios das classes *Argos*, *Centauro*, *Minho* e *Tejo*.[84] Já no final desse mesmo ano, foi confirmado pelo Chefe do Estado-Maior da Armada, Almirante Henrique Gouveia e Melo, que a Marinha iria adquirir 8 Navios de Patrulha Costeira (NPC), que irão começar a ser construídos em 2025, por um estaleiro português.[74] Nesse mesmo ano, foi aprovada a próxima Lei de Programação Militar (2030-2042) na qual estão previstos mais de uma centena de projetos, cerca de quatrocentos subprojetos e oito projetos estruturantes. Até 2034, o orçamento para esta iniciativa deve ser de 5 570 milhões de euros, embora espera-se mais de 272 milhões de euros investidos na iniciativa até esse mesmo ano, tornando-se o projeto mais caro da história da Marinha Portuguesa.[85][86]

A Marinha portuguesa , vai substituir as suas fragatas Vasco da Gama, por três novas fragatas de modelo FREMM EVO, de origem Italiana até 2030, num investimento total de 4,1 mil milhões euros, incluindo a manutenção e sustentação ao longo do seu ciclo vida, também haverá novos helicópteros orgânicos, e a modernização do Arsenal do Alfeite.[87]

O Corpo de Fuzileiros , começou a modernizar 10 das suas viaturas anfíbias LARC V (a primeira da das quais, a ser validada até ao final de 2026), vão ter novos motores de 375 hp, provavelmente John Deere ,a digitalização do seu sistema elétrico, por um novo sistema eletrônico , melhoria da sua ergonomia e novos painéis de cabine, isto tudo , com o intuito de extender a sua vida útil e ficar mais capacitada , para os desafios do sec XXI,[88]

Submarinos

Classe	Foto	Nome	Comissão	Deslocamento (ton.)	Comprimento (m)	Velocidade (kn)	(nr
Submarinos							
Classe *Tridente*		*Arpão* (S161)	2010	2 020	68	20	
		Tridente (S160)	2009	2 020	68	20	

Embarcações de superfície

Classe	Foto	Nome	Commissão	Deslocamento (ton.)	Comprimento (m)	Velocidade (nós)
Fragatas						
Classe *Bartolomeu Dias*		*Dom Francisco de Almeida* (F334)	1994	3 320	122,5	29
		Bartolomeu Dias (F333)	1994			
Classe *Vasco da Gama*		*Corte-Real* (F332)	1992	3 200	115,90	32
		Álvares Cabral (F331)	1991			
		Vasco da Gama (F330)	1990		142	
Navios patrulha oceânicos						
Classe *Viana do Castelo*		*Viana do Castelo* (P360)	2010	1 750	83,1	23
		Figueira da Foz (P361)	2013			
		Sines (P362)	2018			
		Setúbal (P363)	2019			
Navios de patrulha costeira						
Classe *Tejo*		*Tejo* (P590)	1995	450	54	30
		Douro (P591)	1994			
		Mondego (P592)	1992			
		Guadiana (P593)	1994			
Lanchas						
Classe *Centauro*		*Sagitário* (P1158)	2001	94	27	24
		Pégaso (P1157)	2001			
		Orion (P1156)	2001			
		Centauro (P1155)	2000			
Classe *Argos* (1991)		*Dragão* (P1151)	1991	97	27	24
		Escorpião (P1152)	1991			
		Cassiopeia (P1153)	1991			
		Hidra (P1154)	1991			
		Argos (P1150)	1991			
Classe *Rio Minho*		*Rio Minho* (P370)	1991	70	22,5	9,5

Navios hidrográficos						
Classe *Dom Carlos I*		*Almirante Gago Coutinho* (A523) *Dom Carlos I* (A522)	1985	2 300	68,7	10,5
Classe *Andrómeda*		*Auriga* (A5205) *Andrómeda* (A5203)	1988	245	31,4	13
Veleiros						
		Sagres (A520)	1937	1 940	70,4	10,5
		Creoula (UAM201)	1937	1 300	67,4	-
		Polar (A5204)	1977	70	22,9	-
		Zarco	1983	60	23	12

Além das unidades acima referidas a Marinha Portuguesa possui um elevado número de pequenas embarcações de patrulha, de operações anfíbias e auxiliares.[89]

Aeronaves

Modelo	Foto	Fabricante	Vel. máxima	Teto	Alcance	Entrada em serviço	Esquadrilha	Unidades
Helicópteros								
Westland Super Lynx Mk95		**GKN Westland Aircraft**	296 km/h	3 230 m	188 km	1993	-	5

Veículos aéreos não tripulados

- 6 × Beyond Vision VTOne;[90][91]
- 6 × Beyond Vision HEIFU;[91]
- 4 × UAVision UX Spyro;[92]
- 2 × UAVision Ogassa OGS42/V;[93]
- ? × Tekever AR3;[94]
- ? × Tekever AR4;[95]
- ? × X-1001;[96]
- ? × AeroVironment RQ-20 Puma;[97]
- ? × Autel EVO II Dual 640T Enterprise V2.[98]

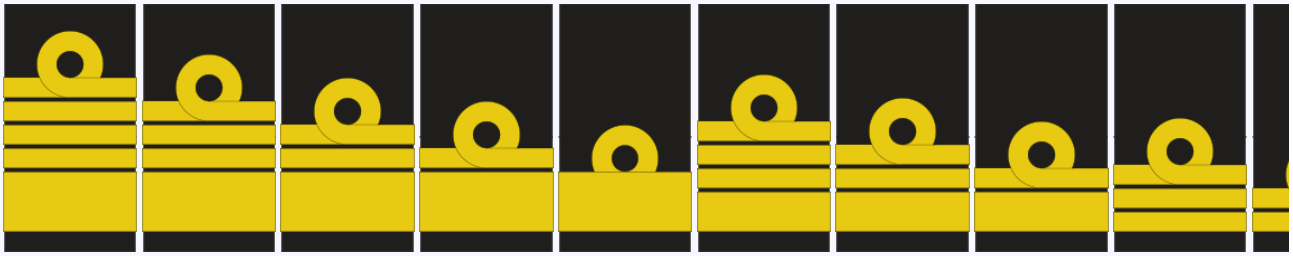
- **Plataforma não tripulada de superfície marítima**
- 4x Trator do Mar[99]

Fileiras da Armada Portuguesa

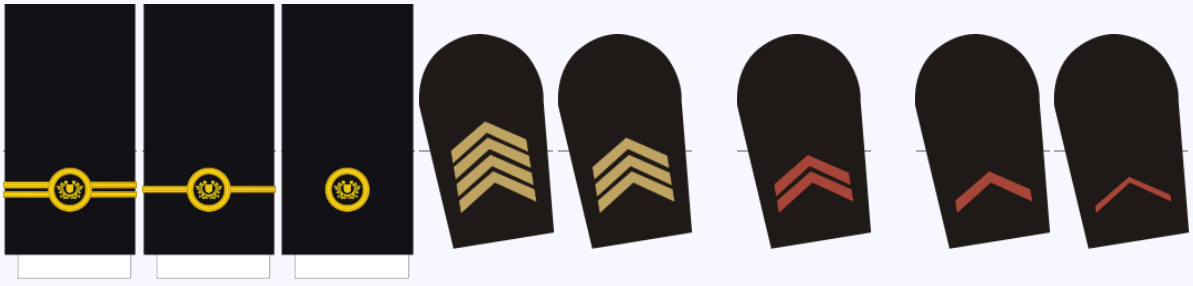
As fileiras na Armada Portuguesa são as das seguintes tabelas. As divisas/galões são colocados na braçadeira do uniforme de passeio nas categorias de oficial e sargento, enquanto que nos praças são colocados entre o cotovelo e o ombro, excetuando a fileira de cabo-mor que também fica na braçadeira.[100]

Corpo Geral da Armada

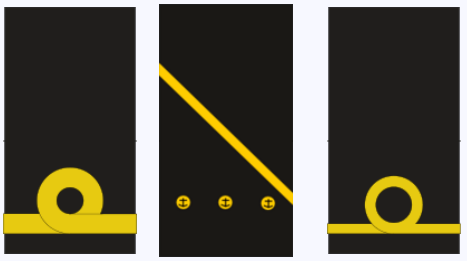
Oficiais

Código OTAN	OF-10	OF-9	OF-8	OF-7	OF-6	OF-5	OF-4	OF-3	OF-2	
Portugal										
	Almirante da Armada	Almirante	Vice-Almirante	Contra-Almirante	Comodoro	Capitão de Mar e Guerra	Capitão de Fragata	Capitão-Tenente	Primeiro-Tenente	S T

Sargentos e Praças

Código OTAN	OR-9	OR-8	OR-7	OR-6	OR-5	OR-4	OR-3	OR-2	
Portugal									
	Sargento-Mor	Sargento-Chefe	Sargento-Ajudante	Primeiro-Sargento	Segundo-Sargento	Cabo-Mor e Cabo	Primeiro-Marinheiro	Segundo-Marinheiro	Primeiro-Grumete	S C

Alunos e Aspirantes

Código OTAN	OF-D			Oficiais Alunos	Sargentos Alunos		Praças Alunos	
Portugal								
	Guarda-Marinha (Aluno de 3º)	Aspirante a oficial (Escola Naval) (Aluno de 2º) *Instrução complementar*	Aspirante a oficial (outros) (Aluno de 2º) *Instrução complementar*	Cadete (Aluno de 1º) *Instrução básica*	Segundo-Subsargento (2º Curso) *Instrução complementar*	Segundo-Grumete Instruendo (1º Curso) *Instrução básica*	Segundo-Grumete (2º Curso) *Instrução complementar*	Segundo-Grumete Recruta (1º Curso) *Instrução básica*

Fontes:[101]

Ver também

- Aviação Naval Portuguesa
- Base Naval de Lisboa
- Ponto de Apoio Naval de Portimão
- Ponto de Apoio Naval de Tróia
- Hierarquia naval (Portugal)
- Ministério da Marinha (Portugal)
- Designações da Marinha Portuguesa
- Lista de navios da Marinha Portuguesa por número de amura
- Unidade Auxiliar da Marinha
- Estado-Maior da Armada
- Chefe do Estado-Maior da Armada (Portugal)
- Pirataria em Portugal

Referências

1. «Portal da Marinha - "Talant de Bien Faire" » (http://www.marinha.pt/pt-pt/historia-estrategia/simbolos-tradicoes/Paginas/Talant-Bien-Faire.aspx). Consultado em 24 de janeiro de 2015. Cópia arquivada em 30 de novembro de 2021 (http://web.archive.org/web/20211130204729/http://www.marinha.pt/pt-pt/historia-estrategia/simbolos-tradicoes/Paginas/Talant-Bien-Faire.aspx)
2. GesPT.com - Criação e Gestão de Sites. «Comemorações dos 700 anos da Marinha | Revista de Marinha» (https://revistademarinha.com/agenda/comemoracoes-dos-700-anos-da-marinha/). *Revista de Marinha*. Consultado em 29 de agosto de 2020. Cópia arquivada em 3 de outubro de 2022 (http://web.archive.org/web/20221003055844/https://revistademarinha.com/agenda/comemoracoes-dos-700-anos-da-marinha/)
3. «Cerimónia dos 700 Anos da criação formal da Marinha - dia 12 de dezembro no Terreiro do Paço pelas 14h00» (https://www.marinha.pt/pt/media-center/Noticias/Paginas/Cerimonia-dos-700-Anos-da-criacao-formal-da-Marinha---dia-12-de-dezembro-no-Terreiro-do-Paco-pelas-14h00-.aspx). *Marinha*. Consultado em 29 de agosto de 2020. Cópia arquivada em 5 de janeiro de 2026 (http://web.archive.org/web/20260105030623/https://www.marinha.pt/pt/media-center/Noticias/Paginas/Cerimonia-dos-700-Anos-da-criacao-formal-da-Marinha---dia-12-de-dezembro-no-Terreiro-do-Paco-pelas-14h00-.aspx)
4. «700 anos da Marinha Portuguesa» (https://www.lisboa.pt/atualidade/noticias/detalhe/700-anos-da-marinha-portuguesa). *www.lisboa.pt*. Consultado em 29 de agosto de 2020. Cópia arquivada em 21 de março de 2023 (http://web.archive.org/web/20230321164531/https://www.lisboa.pt/atualidade/noticias/detalhe/700-anos-da-marinha-portuguesa)
5. «A Missão» (https://www.marinha.pt/pt/a-marinha/Paginas/missao.aspx). *Marinha Portuguesa*. Consultado em 10 de janeiro de 2024. Cópia arquivada em 5 de janeiro de 2026 (http://web.archive.org/web/20260105030625/https://www.marinha.pt/pt/a-marinha/Paginas/missao.aspx)
6. «Marinha, 700 anos a servir Portugal no Mar» (https://www.marinha.pt/pt/a-marinha/historia/servir-portugal/Paginas/default.aspx). *Marinha*. Consultado em 29 de agosto de 2020
7. *Studia: revista semestral* (https://books.google.com/books?id=pNYKAQAAMAAJ&newbks=0&hl=pt-BR). [S.l.]: O Centro. 1989. p. 435. Cópia arquivada em 20 de dezembro de 2022 (http://web.archive.org/web/20221220194928/https://books.google.com/books?id=pNYKAQAAMAAJ&newbks=0&hl=pt-BR)
8. Rodrigues, JN & T. Devezas (2009). Portugal: o pioneiro da globalização: a Herança das descobertas. Lisboa: Centro Atlantico.
9. M. D. D. Newitt, "A history of Portuguese overseas expansion, 1400-1668", Routledge, 2005, ISBN 0-415-23980-X, p.24-25
10. «Gil Eanes dobra o cabo Bojador» (https://ensina.rtp.pt/artigo/gil-eanes-dobra-o-cabo-bojador/). RTP Ensina. Rádio Televisão Portuguesa. Consultado em 3 de Maio de 2020. Cópia arquivada em 13 de janeiro de 2026 (http://web.archive.org/web/20260113061418/https://ensina.rtp.pt/artigo/gil-eanes-dobra-o-cabo-bojador/)
11. Vigneras, L.-A. (1979) [1966]. «Corte-Real, Gaspar» (http://www.biographi.ca/en/bio/corte_real_gaspar_1E.html). In: Brown, George Williams. *Dictionary of Canadian Biography*. I (1000–1700) online ed. University of Toronto Press
12. Biografia de Miguel Corte-Real no *Dictionary of Canadian Biography Online* (http://www.biographi.ca/EN/ShowBio.asp?BioId=34261).
13. «Biography – FERNANDES, JOÃO – Volume I (1000-1700) – Dictionary of Canadian Biography» (http://www.biographi.ca/en/bio.php?BioId=34334). *www.biographi.ca*. Consultado em 16 de janeiro de 2024. Cópia arquivada em 9 de janeiro de 2026 (http://web.archive.org/web/20260109152146/http://www.biographi.ca/en/bio.php?BioId=34334)
14. «Folha Online - Brasil 500» (https://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/histvg_1.htm). *www1.folha.uol.com.br*. Consultado em 16 de janeiro de 2024. Cópia arquivada em 5 de janeiro de 2026 (http://web.archive.org/web/20260105030639/https://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/histvg_1.htm)
15. «Os bastidores da viagem de 44 dias que levou Pedro Álvares Cabral ao Brasil» (https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51808373). *BBC News Brasil*. 10 de março de 2020. Consultado em 16 de janeiro de 2024. Cópia arquivada em 22 de fevereiro de 2026 (http://web.archive.org/web/20260222162905/https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51808373)
16. «CATHOLIC ENCYCLOPEDIA: Bartolomeu Dias» (https://www.newadvent.org/cathen/04775b.htm). *www.newadvent.org*. Consultado em 16 de janeiro de 2024. Cópia arquivada em 16 de junho de 2026 (http://web.archive.org/web/20260616204820/https://www.newadvent.org/cathen/04775b.htm)
17. Cabral, Ricardo (7 de agosto de 2023). «A Batalha de Diu» (https://historiamilitaremdebate.com.br/a-batalha-de-diu/). *História Militar em Debate*. Consultado em 16 de janeiro de 2024. Cópia arquivada em 11 de março de 2026 (http://web.archive.org/web/20260311094422/https://historiamilitaremdebate.com.br/a-batalha-de-diu/)
18. «ALBUQUERQUE, ALPHONSO - Online Information article about ALBUQUERQUE, ALPHONSO» (https://web.archive.org/web/20060509211623/http://encyclopedia.jrank.org/AJA_ALL/ALBUQUERQUE_ALPHONSO.html). *web.archive.org*. 9 de maio de 2006. Consultado em 17 de janeiro de 2024
19. «EFEMÉRIDE | PRIMEIRA INVESTIDA A ORMUZ» (https://ccm.marinha.pt/pt/museumarinha_web/multimedia_web/Paginas/efemeride-primeira-investida-ormuz.aspx). *Marinha.pt*. 28 de setembro de 2022. Consultado em 17 de janeiro de 2024. Cópia arquivada em 30 de novembro de 2025 (http://web.archive.org/web/20251130094330/https://ccm.marinha.pt/pt/museumarinha_web/multimedia_web/Paginas/efemeride-primeira-investida-ormuz.aspx)
20. Loureiro, Rui Manuel (1990). «Portugal em busca da China: Imagens e miragens (1498-1514)» (https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8979725). *Ler história* (19): 31–43. ISSN 2183-7791 (https://www.worldcat.org/issn/2183-7791). Consultado em 17 de janeiro de 2024. Cópia arquivada em 12 de abril de 2025 (http://web.archive.org/web/20250412091434/https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8979725)
21. «How Taiwan Became Chinese: Chapter 1» (http://www.gutenberg-e.org/andrade/andrade01.html). *www.gutenberg-e.org*. Consultado em 17 de janeiro de 2024. Cópia arquivada em 16 de maio de 2026 (http://web.archive.org/web/20260516085832/http://www.gutenberg-e.org/andrade/andrade01.html)

22. «A história dos japoneses escravizados por portugueses e vendidos pelo mundo mais de 400 anos atrás» (https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54120476). *BBC News Brasil*. Consultado em 17 de janeiro de 2024
23. «Portentos da Marinha» (https://books.google.pt/books?pg=PA384&id=OTQ9AQAAIAAJ). *Panorama*. Vol. 5. 384 páginas. 1841. Cópia arquivada em 19 de janeiro de 2025 (http://web.archive.org/web/20250119162115/https://books.google.pt/books?pg=PA384&id=OTQ9AQAAIAAJ)
24. Segundo teorias não consensuais da descoberta da Austrália por portugueses expostas em McIntyre, K.G (1977) "The Secret Discovery of Austrália, Portuguese ventures 200 years before Cook. Souvenir Press, Menindie" ISBN 0285623036 e de Peter Trickett em "Beyond Capricorn: How Portuguese adventurers secretly discovered and mapped Australia and New Zealand 250 years before Captain Cook", ISBN 9780975114599
25. Garcia de Resende, Vida e feitos de el-rey Dom João Segundo, 1545.
26. Os Navios e como Técnicas Náuticas Atlânticas Nos Séculos XV e XVI: Os Pilares da Estratégia 3C - Contra-Almirante Antonio Silva Ribeiro -*Revista Militar- Arquivada7 novembro de 2013 no Wayback Machine*
27. «O conflito entre Espanha de Felipe II e a Inglaterra de Elizabeth I» (https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/navigator/article/download/1122/2176/). Consultado em 26 de janeiro de 2024. Cópia arquivada em 28 de abril de 2025 (http://web.archive.org/web/20250428042042/https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/navigator/article/download/1122/2176/)
28. Clementino, Kleber (15 de agosto de 2019). «A Guerra Holandesa nas relações de sucessos seiscentistas» (https://www.scielo.br/j/topoi/a/hvjjD94B6wSRyjMYq9frjMF/?lang=pt). *Topoi (Rio de Janeiro)*: 490–514. ISSN 1518-3319 (https://www.worldcat.org/issn/1518-3319). doi:10.1590/2237-101X02004109 (https://dx.doi.org/10.1590%2F2237-101X02004109). Consultado em 1 de fevereiro de 2024. Cópia arquivada em 28 de maio de 2025 (http://web.archive.org/web/20250528075839/https://www.scielo.br/j/topoi/a/hvjjD94B6wSRyjMYq9frjMF/?lang=pt)
29. «O Terço da Armada | Âncoras e Fuzis» (https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/ancorasefuzis/article/view/2770). Marinha do Brasil. 2021. Consultado em 1 de fevereiro de 2024. Cópia arquivada em 24 de outubro de 2025 (http://web.archive.org/web/20251024215725/https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/ancorasefuzis/article/view/2770)
30. "A queda da Índia Portuguesa" por Carlos Alexandre de Morais, ISBN 972-33-1134-8
31. «Campanhas da Guerra da Restauração (1640 - 1668). - Arquivo Histórico Militar - Archeevo» (https://web.archive.org/web/20181127195446/https://arqhist.exercito.pt/DetailsForm.aspx?id=99138). *web.archive.org*. 27 de novembro de 2018. Consultado em 1 de fevereiro de 2024
32. Calvo 1869, p. 53.
33. «Viagens e Operações Navais (1668-1823)» (https://academia.marinha.pt/pt/edicoes/ultimasedicoes/VIAGENS%20E%20OPERAC%CC%A7O%CC%83ES%20NAVAIS%201668-1823_NET.pdf) (PDF). Academia de Marinha. Consultado em 4 de fevereiro de 2024. Cópia arquivada (PDF) em 5 de janeiro de 2026 (http://web.archive.org/web/20260105030719/https://academia.marinha.pt/pt/edicoes/ultimasedicoes/VIAGENS%20E%20OPERAC%CC%A7O%CC%83ES%20NAVAIS%201668-1823_NET.pdf)
34. «Arsenal Real da Marinha» (http://mapa.arquivonacional.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/134-arsenal-real-da-marinha). *mapa.arquivonacional.gov.br*. Consultado em 13 de fevereiro de 2024. Cópia arquivada em 30 de junho de 2024 (http://web.archive.org/web/20240630041031/http://mapa.arquivonacional.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/134-arsenal-real-da-marinha)
35. «Arsenais da Marinha e o início da indústria naval – Memória do Transporte Brasileiro» (https://memoriadotransporte.org.br/galeria/arsenais-da-marinha-e-o-inicio-da-industria-naval/). Consultado em 13 de fevereiro de 2024. Cópia arquivada em 15 de janeiro de 2026 (http://web.archive.org/web/20260115075955/https://memoriadotransporte.org.br/galeria/arsenais-da-marinha-e-o-inicio-da-industria-naval/)
36. «Castro, Martinho de Melo e (1716-1795)» (http://historialuso.an.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5987:castro-martinho-de-melo-e-1716-1795&catid=2071&Itemid=121). *historialuso.an.gov.br*. 19 de novembro de 2021. Consultado em 14 de fevereiro de 2024. Cópia arquivada em 25 de abril de 2025 (http://web.archive.org/web/20250425232823/http://historialuso.an.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5987:castro-martinho-de-melo-e-1716-1795&catid=2071&Itemid=121)
37. «Academia dos Guardas-Marinhas» (http://mapa.arquivonacional.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/242-academia-dos-guardas-marinhas). *mapa.arquivonacional.gov.br*. Consultado em 14 de fevereiro de 2024. Cópia arquivada em 30 de junho de 2024 (http://web.archive.org/web/20240630042241/http://mapa.arquivonacional.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/242-academia-dos-guardas-marinhas)
38. Prates, Tatiana Alves (2010). «A ESCOLA NAVAL» (https://www.marinha.mil.br/sites/www.marinha.mil.br.en/files/upload/historia_en.pdf) (PDF). *Marinha do Brasil*. Consultado em 14 de fevereiro de 2024. Cópia arquivada (PDF) em 5 de janeiro de 2026 (http://web.archive.org/web/20260105030651/https://www.marinha.mil.br/sites/www.marinha.mil.br.en/files/upload/historia_en.pdf)
39. *O Almirante Marquês de Nisa*, António Marques Esparteiro, Edições Culturais da Marinha, Lisboa 1987
40. CUTILEIRO, A. "A Armada e as suas bandeiras militares", *Revista da Armada nº 118*, Lisboa: julho de 1981.
41. *The Cambridge Illustrated History of Warfare: The Triumph of the West* - Geoffrey Parker, pp. 125-130, Cambridge University Press, 1995 (*em inglês*).
42. «NAU "NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO" » (https://arquivohistorico.marinha.pt/details?id=6607&ht=nau). *arquivohistorico.marinha.pt*. Consultado em 23 de outubro de 2024. Cópia arquivada em 30 de novembro de 2024 (http://web.archive.org/web/20241130224107/https://arquivohistorico.marinha.pt/details?id=6607&ht=nau)
43. «Vida privada e ordem privada no Império» (https://www.academia.edu/download/64457893/Vida%20privada%20e%20ordem%20privada%20no%20imp%C3%A9rio_ALENCASTRO.pdf) (PDF). 1997. Consultado em 23 de outubro de 2024
44. Pereira, Ivete Machado de Miranda (2013). «La Gabrielle, cravo e canela: as "plantas preciosas" e a invasão portuguesa da Guiana Francesa (1796-1817)» (https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFJF_94223fd3e1ea8b88d16a792bb27c4e31). *bdtd.ibict.br*. Consultado em 23 de outubro de 2024. Cópia arquivada em 2 de junho de 2025 (http://web.archive.org/web/20250602024205/https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFJF_94223fd3e1ea8b88d16a792bb27c4e31)
45. Melo, Ronaldo Lopes de (2010). «Tomada de Caiena: seu significado para a História do Corpo de Fuzileiros Navais» (https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/navigator/article/view/323/301). *Navigator* (11): 61–69. ISSN 2763-6267 (https://www.worldcat.org/issn/2763-6267). Consultado em 11 de dezembro de 2024. Cópia arquivada em 3 de janeiro de 2026 (http://web.archive.org/web/20260103102824/https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/navigator/article/view/323/301)
46. «Memoria dos feitos macaenses contra os piratas da China» (https://www.gutenberg.org/files/36163/36163-h/36163-h.htm). *www.gutenberg.org*. Consultado em 11 de dezembro de 2024. Cópia arquivada em 5 de janeiro de 2026 (http://web.archive.org/web/20260105030653/https://www.gutenberg.org/files/36163/36163-h/36163-h.htm)
47. «Introdução à História Marítima Brasileira» (https://www.redebim.dphdm.mar.mil.br/vinculos/000008/00000898.pdf) (PDF). Rede BIM. Consultado em 11 de dezembro de 2024
48. IBEIRO, António Silva, "Mahan e as marinhas como instrumento político", *Revista Militar*, maio 2010".
49. Pacheco, LMCPB (2014). «A Marinha na I Guerra Mundial» (https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/17957/1/Bessa%20Pacheco%2014_A%20Marinha%20na%20I%20Guerra%20Mundial.pdf) (PDF). Repositório Comum. Consultado em 10 de dezembro de 2024. Cópia arquivada (PDF) em 5 de novembro de 2024 (http://web.archive.org/web/20241105135605/https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/17957/1/Bessa%20Pacheco%2014_A%20Marinha%20na%20I%20Guerra%20Mundial.pdf)
50. Costa, Paulo (2008). «ANTECEDENTES E CONSEQUENTES DA IDENTIFICAÇÃO ORGANIZACIONAL DOS ALUNOS DA ESCOLA NAVAL» (https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/707/1/Tese%20de%20Mestrado%20-%20vers%C3%A3o%20final.pdf) (PDF). *Repositório ISCTE*. p. 48. Cópia arquivada (PDF) em 5 de janeiro de 2026 (http://web.archive.org/web/20260105030743/https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/707/1/Tese%20de%20Mestrado%20-%20vers%C3%A3o%20final.pdf)
51. Pedra, Capitão-de-fragata José Rodrigues. «A Marinha Portuguesa nas operações de paz» (https://www.revistamilitar.pt/artigo/1312). *REVISTA MILITAR* (em inglês). Consultado em 16 de dezembro de 2024. Cópia arquivada em 6 de março de 2026 (http://web.archive.org/web/20260306205731/https://www.revistamilitar.pt/artigo/1312)

52. «NATO Media Library: STANAVFORLANT - 6/28/68» (https://www.nato.int/structur/medialib/database/caption/t00921.htm). *www.nato.int*. Consultado em 31 de dezembro de 2024. Cópia arquivada em 14 de abril de 2025 (http://web.archive.org/web/20250414211225/https://www.nato.int/structur/medialib/database/caption/t00921.htm)
53. «Operação Atalanta é renovada no Golfo de Áden» (https://www.defesaaereanaval.com.br/operacoes-anti-pirataria/operacao-atalanta-e-renovada-no-golfo-de-aden). *Defesa Aérea & Naval*. 10 de fevereiro de 2023. Consultado em 31 de dezembro de 2024. Cópia arquivada em 6 de janeiro de 2026 (http://web.archive.org/web/20260106055556/https://www.defesaaereanaval.com.br/operacoes-anti-pirataria/operacao-atalanta-e-renovada-no-golfo-de-aden)
54. «Estrutura» (https://www.marinha.pt/pt/a-marinha/Paginas/estrutura.aspx). *Marinha.pt*. Consultado em 13 de fevereiro de 2024. Cópia arquivada em 27 de junho de 2026 (http://web.archive.org/web/20260627143337/https://www.marinha.pt/pt/a-marinha/Paginas/estrutura.aspx)
55. Renascença (23 de dezembro de 2021). «Marcelo nomeia Gouveia e Melo para chefe da Armada - Renascença» (https://rr.sapo.pt/noticia/politica/2021/12/23/marcelo-nomeia-gouveia-e-melo-para-chefe-da-armada/265819/). *Rádio Renascença*. Consultado em 18 de fevereiro de 2024. Cópia arquivada em 18 de fevereiro de 2024 (http://web.archive.org/web/20240218201637/https://rr.sapo.pt/noticia/politica/2021/12/23/marcelo-nomeia-gouveia-e-melo-para-chefe-da-armada/265819/)
56. Nacional, Ministério Da Defesa (26 de fevereiro de 1993). «Decreto-lei 49/93, de 26 de Fevereiro» (https://dre.tretas.org/dre/49058/decreto-lei-49-93-de-26-de-fevereiro). *Diários da República*. Consultado em 18 de fevereiro de 2024. Cópia arquivada em 27 de maio de 2025 (http://web.archive.org/web/20250527153320/https://dre.tretas.org/dre/49058/decreto-lei-49-93-de-26-de-fevereiro)
57. «- Página Oficial das Ordens Honoríficas Portuguesas» (https://www.ordens.presidencia.pt/). *www.ordens.presidencia.pt*. Consultado em 17 de julho de 2022. Cópia arquivada em 16 de maio de 2026 (http://web.archive.org/web/20260516011553/https://www.ordens.presidencia.pt/)
58. «Decreto-Lei n» (https://www.marinha.pt/conteudos_externos/LexMar2/PGPAT%20100/PGPAT%201000%20-%20Cap%C3%ADtulos/Cap%C3%ADtulo%20A%20Espa%C3%A7os%20Mar%C3%ADtimos/Sub-cap%C3%ADtulo%20A.4/DL49_93%20LOMAR.htm). *www.marinha.pt*. Consultado em 13 de novembro de 2024. Cópia arquivada em 5 de janeiro de 2026 (http://web.archive.org/web/20260105030742/https://www.marinha.pt/conteudos_externos/LexMar2/PGPAT%20100/PGPAT%201000%20-%20Cap%C3%ADtulos/Cap%C3%ADtulo%20A%20Espa%C3%A7os%20Mar%C3%ADtimos/Sub-cap%C3%ADtulo%20A.4/DL49_93%20LOMAR.htm)
59. «Glossário de Termos Militares» (https://web.archive.org/web/20220402084224/https://www.ium.pt/s/wp-content/uploads/Versao-Online.pdf) (PDF). *web.archive.org*. 2020. Consultado em 17 de fevereiro de 2024
60. Portugal, idD. «Manutenção de submarinos em Portugal: Operação de flutuação e saída da doca do Arpão» (https://www.iddportugal.pt/operacao-de-flutuacao-e-saida-da-doca-do-arpao/). *idD Portugal Defence*. Consultado em 24 de abril de 2023. Cópia arquivada em 18 de fevereiro de 2026 (http://web.archive.org/web/20260218155922/https://www.iddportugal.pt/operacao-de-flutuacao-e-saida-da-doca-do-arpao/)
61. «Jornal de Economia do Mar» (https://www.jornaldaeconomiadomar.com/bartolomeu-modernizada-na-holanda/). Consultado em 24 de abril de 2023. Cópia arquivada em 30 de novembro de 2025 (http://web.archive.org/web/20251130013350/https://www.jornaldaeconomiadomar.com/bartolomeu-modernizada-na-holanda/)
62. Galante, Alexandre (3 de junho de 2020). «FOTO: Fragata portuguesa NRP Bartolomeu Dias recebe novo mastro» (https://www.naval.com.br/blog/2020/06/03/foto-fragata-portuguesa-nrp-bartolomeu-dias-recebe-novo-mastro/). *Poder Naval*. Consultado em 24 de abril de 2023. Cópia arquivada em 11 de julho de 2025 (http://web.archive.org/web/20250711215202/https://www.naval.com.br/blog/2020/06/03/foto-fragata-portuguesa-nrp-bartolomeu-dias-recebe-novo-mastro/)
63. «Helicóptero da Marinha Portuguesa realiza primeiro voo após processo de modernização» (http://www.marinha.pt/pt/media-center/Noticias/Paginas/Helicóptero-da-Marinha-Portuguesa-realiza-primeiro-voo-após-processo-de-modernização.aspx). *Marinha*. Consultado em 24 de abril de 2023. Cópia arquivada em 20 de junho de 2025 (http://web.archive.org/web/20250620111027/http://www.marinha.pt/pt/media-center/Noticias/Paginas/Helicóptero-da-Marinha-Portuguesa-realiza-primeiro-voo-após-processo-de-modernização.aspx)
64. «PSD garante modernização das fragatas Vasco da Gama» (https://www.dn.pt/poder/psd-garante-modernizacao-das-fragatas-vasco-da-gama-10844234.html). *www.dn.pt*. Consultado em 24 de abril de 2023. Cópia arquivada em 5 de janeiro de 2026 (http://web.archive.org/web/20260105030753/https://www.dn.pt/poder/psd-garante-modernizacao-das-fragatas-vasco-da-gama-10844234.html)
65. «Exame Informática | Marinha Portuguesa adquire 12 drones à Beyond Vision e aumenta capacidade de resposta a manobras da NATO» (https://visao.sapo.pt/exameinformatica/noticias-ei/ciencia-ei/2023-03-23-marinha-portuguesa-adquire-drones-a-beyond-vision-manobras-nato/). *Visão*. 23 de março de 2023. Consultado em 24 de abril de 2023. Cópia arquivada em 11 de maio de 2023 (http://web.archive.org/web/20230511010041/https://visao.sapo.pt/exameinformatica/noticias-ei/ciencia-ei/2023-03-23-marinha-portuguesa-adquire-drones-a-beyond-vision-manobras-nato/)
66. VM.TV; vmtvadmin (7 de junho de 2022). « "AÇOR" DA MARINHA» (https://vmtv.sapo.pt/acor-da-marinha/). *VMTV*. Consultado em 24 de abril de 2023. Cópia arquivada em 14 de novembro de 2025 (http://web.archive.org/web/20251114143559/https://vmtv.sapo.pt/acor-da-marinha/)
67. «Primeira descolagem rolada e aterragem vertical do Drone Ogassa no Ponto de Apoio Naval de Portimão» (http://www.marinha.pt/pt/media-center/Noticias/Paginas/Primeira-descolagem-rolada-e-aterragem-vertical-do-Drone-Ogassa-no-Ponto-de-Apoio-Naval-de-Portimao.aspx). *Marinha*. Consultado em 24 de abril de 2023. Cópia arquivada em 16 de setembro de 2025 (http://web.archive.org/web/20250916161159/http://www.marinha.pt/pt/media-center/Noticias/Paginas/Primeira-descolagem-rolada-e-aterragem-vertical-do-Drone-Ogassa-no-Ponto-de-Apoio-Naval-de-Portimao.aspx)
68. ECO (20 de maio de 2021). «Governo investe 352 milhões na compra de seis navios de patrulha oceânicos» (https://eco.sapo.pt/2021/05/20/governo-investe-352-milhoes-na-compra-de-seis-navios-de-patrulha-oceanicos/). *ECO*. Consultado em 24 de abril de 2023. Cópia arquivada em 1 de maio de 2026 (http://web.archive.org/web/20260501055812/https://eco.sapo.pt/2021/05/20/governo-investe-352-milhoes-na-compra-de-seis-navios-de-patrulha-oceanicos/)
69. Lusa, Agência. «Gouveia e Melo destaca valor estratégico para a NATO dos seis novos patrulhas oceânicos» (https://observador.pt/2023/12/29/gouveia-e-melo-destaca-valor-estrategico-para-a-nato-dos-seis-novos-patrulhas-oceanicos/). *Observador*. Consultado em 2 de janeiro de 2024. Cópia arquivada em 14 de abril de 2025 (http://web.archive.org/web/20250414124327/https://observador.pt/2023/12/29/gouveia-e-melo-destaca-valor-estrategico-para-a-nato-dos-seis-novos-patrulhas-oceanicos/)
70. «Nota de agenda: Cerimónia de corte da primeira peça dos Navios ...» (https://www.google.com/imgres?imgurl=https://www.marinha.pt/pt/media-center/Noticias/Imagens%2520Noticias/2025/Cerim%25C3%25B3nia%2520Corte%2520primeira%2520Chapa%2520navio%25203%25C2%25AA%2520s%25C3%25A9rie/west%2520sea.png&tbnid=CW94WRVeNJ9R9M&vet=1&imgrefurl=https://www.marinha.pt/pt/media-center/Noticias/Paginas/Nota-de-agenda-Cerimonia-de-corte-da-primeira-peca-dos-Navios-Patrulha-Oceanicos-da-3-%25C2%25AA-Serie.aspx&docid=Pv5YkLv44ZE9BM&w=705&h=644&hl=pt&source=sh/x/im/m1/2&kgs=df2e26819e7615a1&). *www.marinha.pt*. Consultado em 12 de abril de 2026
71. «Estado disponibiliza mais 46 milhões de euros para a construção de navio para a Marinha» (https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/estado-disponibiliza-mais-46-milhoes-de-euros-para-a-construcao-de-navio-para-a-marinha). *www.cmjornal.pt*. Consultado em 26 de abril de 2023. Cópia arquivada em 12 de abril de 2025 (http://web.archive.org/web/20250412085836/https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/estado-disponibiliza-mais-46-milhoes-de-euros-para-a-construcao-de-navio-para-a-marinha)
72. «O PRR está a financiar um porta-drones "revolucionário"? Gouveia e Melo acha que sim… (actualizado)» (https://tictank.pt/2022/08/30/o-prr-esta-a-financiar-um-porta-drones-revolucionario-gouveia-e-melo-acha-que-sim/). *TICtank*. 30 de agosto de 2022. Consultado em 24 de abril de 2023. Cópia arquivada em 14 de abril de 2025 (http://web.archive.org/web/20250414045117/https://tictank.pt/2022/08/30/o-prr-esta-a-financiar-um-porta-drones-revolucionario-gouveia-e-melo-acha-que-sim/)
73. «O futuro prepara-se hoje» (http://www.marinha.pt/pt/media-center/Noticias/Paginas/O-futuro-prepara-se-hoje.aspx). *Marinha*. Consultado em 24 de abril de 2023. Cópia arquivada em 19 de fevereiro de 2026 (http://web.archive.org/web/20260219102603/http://www.marinha.pt/pt/media-center/Noticias/Paginas/O-futuro-prepara-se-hoje.aspx)
74. *Sessão Solene do Dia da Marinha - "Visão do CEMA para a Marinha – transformações em curso" 25MAIO23* (https://www.youtube.com/watch?v=6BnL5E3OMY8), consultado em 2 de janeiro de 2024

75. «Ministro da Defesa preside à cerimónia de assentamento de quilha do NRP Luís de Camões na Turquia» (https://www.defesa.gov.pt/pt/comunicacao/noticias/Paginas/MDN_NRP_Luis_Camoes_Turquia.aspx). *Portal da Defesa na Internet*. Consultado em 12 de abril de 2026. Cópia arquivada em 26 de abril de 2026 (http://web.archive.org/web/20260426162838/https://www.defesa.gov.pt/pt/comunicacao/noticias/Paginas/MDN_NRP_Luis_Camoes_Turquia.aspx)
76. ECO (18 de junho de 2026). «Marinha inicia construção do segundo navio reabastecedor na Turquia» (https://eco.sapo.pt/2026/06/18/marinha-inicia-construcao-do-segundo-navio-reabastecedor-na-turquia/). *ECO*. Consultado em 19 de junho de 2026. Cópia arquivada em 22 de junho de 2026 (http://web.archive.org/web/20260622133537/https://eco.sapo.pt/2026/06/18/marinha-inicia-construcao-do-segundo-navio-reabastecedor-na-turquia/)
77. «O futuro prepara-se hoje» (https://web.archive.org/web/20220527184007/https://www.marinha.pt/pt/media-center/Noticias/Paginas/O-futuro-prepara-se-hoje.aspx). *web.archive.org*. 27 de maio de 2022. Consultado em 19 de maio de 2023
78. «Anúncio de procedimento n.º 7861/2022, de 23 de junho» (https://dre.pt/dre/detalhe/anuncio-procedimento/7861-2022-185092227). *dre.pt*. Consultado em 19 de maio de 2023. Cópia arquivada em 21 de outubro de 2022 (http://web.archive.org/web/20221021171929/https://dre.pt/dre/detalhe/anuncio-procedimento/7861-2022-185092227)
79. https://www.dn.pt/autor/valentina-marcelino.html (20 de novembro de 2022). «Concurso para o novo navio "multifunções" da Marinha tem um candidato qualificado» (https://www.dn.pt/sociedade/concurso-para-o-novo-navio-multifuncoes-da-marinha-tem-um-candidato-qualificado-15368849.html). *www.dn.pt*. Consultado em 19 de maio de 2023. Cópia arquivada em 8 de março de 2026 (http://web.archive.org/web/20260308065507/https://www.dn.pt/sociedade/concurso-para-o-novo-navio-multifuncoes-da-marinha-tem-um-candidato-qualificado-15368849.html)
80. «Portugal set to issue tender for unmanned systems mother ship» (https://www.janes.com/defence-news/news-detail/portugal-set-to-issue-tender-for-unmanned-systems-mother-ship). *Janes.com* (em inglês). Consultado em 25 de maio de 2023. Cópia arquivada em 10 de junho de 2023 (http://web.archive.org/web/20230610180524/https://www.janes.com/defence-news/news-detail/portugal-set-to-issue-tender-for-unmanned-systems-mother-ship)
81. « "D. João II": um navio inovador para explorar o oceano» (https://www.portugal.gov.pt/pt/gc23/comunicacao/noticia?i=d-joao-ii-um-navio-inovador-para-explorar-o-oceano). *www.portugal.gov.pt*. Consultado em 24 de novembro de 2023. Cópia arquivada em 12 de abril de 2025 (http://web.archive.org/web/20250412093432/https://www.portugal.gov.pt/pt/gc23/comunicacao/noticia?i=d-joao-ii-um-navio-inovador-para-explorar-o-oceano)
82. Mata, Paulo. «Marinha Portuguesa: Futuro NRP D. João II já flutua» (http://www.passarodeferro.com/2026/04/marinha-portuguesa-futuro-nrp-d-joao-ii.html). Consultado em 12 de abril de 2026. Cópia arquivada em 16 de abril de 2026 (http://web.archive.org/web/20260416000136/http://www.passarodeferro.com/2026/04/marinha-portuguesa-futuro-nrp-d-joao-ii.html)
83. «Futuro NRP D. João II recebe Certificado de Conclusão de Construção» (https://www.marinha.pt/pt/media-center/Noticias/Paginas/futuro-nrp-d--joao-ii-recebe-certificado-de-conclusao-de-construcao.aspx). *Marinha*. Consultado em 6 de julho de 2026
84. «Marinha quer avançar com novos navios para substituir lanchas» (https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/marinha-quer-avancar-com-novos-navios-para-substituir-lanchas). *www.cmjornal.pt*. Consultado em 24 de abril de 2023. Cópia arquivada em 1 de março de 2026 (http://web.archive.org/web/20260301113459/https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/marinha-quer-avancar-com-novos-navios-para-substituir-lanchas)
85. «Lei Orgânica n.º 1/2023» (https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei-organica/1-2023-219991254). *diariodarepublica.pt*. 17 de agosto de 2023. Consultado em 4 de fevereiro de 2024. Cópia arquivada em 13 de maio de 2026 (http://web.archive.org/web/20260513031431/https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei-organica/1-2023-219991254)
86. «Aprovação das propostas de leis de Programação Militar e de Infraestruturas Militares» (https://www.portugal.gov.pt/pt/gc23/comunicacao/noticia?i=aprovacao-das-propostas-de-leis-de-programacao-militar-e-de-infraestruturas-militares). *www.portugal.gov.pt*. Consultado em 4 de fevereiro de 2024. Cópia arquivada em 4 de outubro de 2025 (http://web.archive.org/web/20251004212052/https://www.portugal.gov.pt/pt/gc23/comunicacao/noticia?i=aprovacao-das-propostas-de-leis-de-programacao-militar-e-de-infraestruturas-militares)
87. «Portugal investe 4,1 mil milhões de euros em reequipamento militar» (https://www.nowcanal.pt/ultimas/detalhe/portugal-investe-4-1-mil-milhoes-de-euros-em-reequipamento-militar). *www.nowcanal.pt*. Consultado em 12 de abril de 2026. Cópia arquivada em 13 de abril de 2026 (http://web.archive.org/web/20260413145437/https://www.nowcanal.pt/ultimas/detalhe/portugal-investe-4-1-mil-milhoes-de-euros-em-reequipamento-militar)
88. «x.com/Defence360/status/2025621459545055321» (https://x.com/Defence360/status/2025621459545055321). *X (formerly Twitter)*. Consultado em 14 de abril de 2026
89. «Decreto-Lei n.º 193/81 | DR» (https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/193-1981-580344). *Diário da República*. Consultado em 12 de novembro de 2024. Cópia arquivada em 30 de novembro de 2024 (http://web.archive.org/web/20241130223238/https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/193-1981-580344)
90. «Realizado o primeiro teste dos Veículos Aéreos Não Tripulados da Marinha adquiridos no âmbito do PRR» (http://www.marinha.pt/pt/media-center/Noticias/Paginas/Realizado-o-primeiro-teste-dos-Veiculos-Aereos-Não-Tripulados-da-Marinha-adquiridos-no-ambito-do-PRR.aspx). *Marinha*. Consultado em 16 de março de 2023. Cópia arquivada em 25 de janeiro de 2026 (http://web.archive.org/web/20260125125223/http://www.marinha.pt/pt/media-center/Noticias/Paginas/Realizado-o-primeiro-teste-dos-Veiculos-Aereos-Não-Tripulados-da-Marinha-adquiridos-no-ambito-do-PRR.aspx)
91. «Exame Informática | Marinha Portuguesa adquire 12 drones à Beyond Vision e aumenta capacidade de resposta a manobras da NATO» (https://visao.sapo.pt/exameinformatica/noticias-ei/ciencia-ei/2023-03-23-marinha-portuguesa-adquire-drones-a-beyond-vision-manobras-nato/). *Visão*. 23 de março de 2023. Consultado em 30 de março de 2023. Cópia arquivada em 11 de maio de 2023 (http://web.archive.org/web/20230511010041/https://visao.sapo.pt/exameinformatica/noticias-ei/ciencia-ei/2023-03-23-marinha-portuguesa-adquire-drones-a-beyond-vision-manobras-nato/)
92. VM.TV; vmtvadmin (7 de junho de 2022). « "AÇOR" DA MARINHA» (https://vmtv.sapo.pt/acor-da-marinha/). *VMTV*. Consultado em 7 de outubro de 2022. Cópia arquivada em 14 de novembro de 2025 (http://web.archive.org/web/20251114143559/https://vmtv.sapo.pt/acor-da-marinha/)
93. «Primeira descolagem rolada e aterragem vertical do Drone Ogassa no Ponto de Apoio Naval de Portimão» (http://www.marinha.pt/pt/media-center/Noticias/Paginas/Primeira-descolagem-rolada-e-aterragem-vertical-do-Drone-Ogassa-no-Ponto-de-Apoio-Naval-de-Portimao.aspx). *Marinha*. Consultado em 7 de outubro de 2022. Cópia arquivada em 16 de setembro de 2025 (http://web.archive.org/web/20250916161159/http://www.marinha.pt/pt/media-center/Noticias/Paginas/Primeira-descolagem-rolada-e-aterragem-vertical-do-Drone-Ogassa-no-Ponto-de-Apoio-Naval-de-Portimao.aspx)
94. «As aeronaves não tripuladas Portuguesas e as empresas Portuguesas em Le Bourget (M1815 - 07RF/2015)» (http://www.passarodeferro.com/2015/07/as-aeronaves-nao-tripuladas-portuguesas.html). Consultado em 7 de outubro de 2022. Cópia arquivada em 11 de fevereiro de 2026 (http://web.archive.org/web/20260211183225/http://www.passarodeferro.com/2015/07/as-aeronaves-nao-tripuladas-portuguesas.html)
95. «Visão | Drone da Marinha Portuguesa caiu à primeira descolagem» (https://visao.sapo.pt/exameinformatica/noticias-ei/insolitos/2014-04-17-drone-da-marinha-portuguesa-caiu-a-primeira-descolagem/). *Visão*. 17 de abril de 2014. Consultado em 7 de outubro de 2022. Cópia arquivada em 12 de outubro de 2022 (http://web.archive.org/web/20221012004624/https://visao.sapo.pt/exameinformatica/noticias-ei/insolitos/2014-04-17-drone-da-marinha-portuguesa-caiu-a-primeira-descolagem/)
96. https://www.facebook.com/HadawardPageson (7 de outubro de 2019). «Marinha Portuguesa tem uma unidade que desenvolve drones de guerra com brinquedos» (https://pplware.sapo.pt/gadgets/marinha-portuguesa-drones-brinquedos/). *Pplware*. Consultado em 15 de agosto de 2023. Cópia arquivada em 24 de maio de 2026 (http://web.archive.org/web/20260524044927/https://pplware.sapo.pt/gadgets/marinha-portuguesa-drones-brinquedos/)
97. «NRP "Viana do Castelo" em Maputo» (https://www.emgfa.pt/pt/comunicacao/noticias/Paginas/NRP-Viana-do-Castelo-em-Maputo.aspx). *Portal da Internet do EMGFA*. Consultado em 4 de outubro de 2024
98. «AutelRobotics EVO II Dual 640T Enterprise V2» (https://twitter.com/Defence360/status/1688223797919232001)

99. SAPO (21 de abril de 2025). « "Tractor do Mar" da Marinha Portuguesa em demonstração de capacidades» (https://sapo.pt/artigo/8220-tractor-do-mar-8221-da-marinha-portuguesa-em-demonstracao-de-capacidades-6868321af1d62fd0b278fa9b). *SAPO*. Consultado em 26 de maio de 2026. Cópia arquivada em 26 de maio de 2026 (http://web.archive.org/web/20260526180651/https://sapo.pt/artigo/8220-tractor-do-mar-8221-da-marinha-portuguesa-em-demonstracao-de-capacidades-6868321af1d62fd0b278fa9b)
100. «Portaria n.º 234/2022, de 9 de setembro» (https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/234-2022-200860991). *Diário da República*. 9 de setembro de 2022. Consultado em 23 de outubro de 2024. Cópia arquivada em 29 de maio de 2025 (http://web.archive.org/web/20250529054733/https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/234-2022-200860991)
101. «Postos» (https://www.marinha.pt/pt/a-marinha/Paginas/postos.aspx). *Marinha.pt*. Consultado em 13 de fevereiro de 2024. Cópia arquivada em 8 de março de 2026 (http://web.archive.org/web/20260308184710/https://www.marinha.pt/pt/a-marinha/Paginas/postos.aspx)

Bibliografia

- Cajarabille, Victor M. B. L., *Marinha, Armada ou Marinha de Guerra Portuguesa?*, Revista da Armada nº 430, Maio de 2009
- *Decreto-Lei nº 49/93, de 26 de Fevereiro*
- Monteiro, P., *Os Lynx lusos: Uma análise da actual aviação naval portuguesa*, Defesa Net, 2002 (http://www.defesanet.com.br/noticia/lynx/pt.htm)
- Monteiro, P., *Dia da Marinha Portuguesa 2005*, Defesa Net, 2005 (http://www.defesanet.com.br/marinha/portugal1.htm)
- Exercício Deep Divex 2010, Operacional, 2010 (http://www.operacional.pt/%E2%80%9Cdeep-divex%E2%80%9D-pela-1%C2%AA-vez-em-portugal/)
- Calvo Carlos; *Colección histórica completa de los tratados: 1493-1694*, Paris: A. Durand (1862-1869)

Ligações externas

- Marinha Portuguesa (http://www.marinha.pt), website oficial.

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Marinha_Portuguesa&oldid=72594595"